

## PODER

# Para pagar emendas, governo edita portaria

Em reunião no Palácio entre Lula, Pacheco e Lira, presidente apresenta fórmula para liberar R\$ 3 bi e pôr fim ao mau humor do Congresso — e votar reforma e pacote de cortes

» FABIO GRECCHI  
» EDLA LULA  
» JULIA PORTELA  
» MAYARA SOUTO

O governo federal deve publicar, até amanhã, uma portaria para liberar ainda este ano o pagamento de R\$ 3 bilhões em emendas Pix. Foi a forma encontrada para contornar a crise que se potencializou, dentro do Congresso, com a rejeição pelo ministro Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal (STF), dos argumentos da Advocacia-Geral da União (AGU) para que reconsiderasse e tornasse menos rigorosa as regras que impôs para o repasse de recursos federais para o pagamento de emendas parlamentares. No fim da tarde de ontem, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva reuniu-se com os presidentes do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), não apenas para informá-los da solução arquitetada pelo Palácio do Planalto, mas para, também, pedir-lhes empenho na aprovação da reforma tributária e do pacote de cortes do governo.

O Palácio recebeu, ontem, um duro recado sobre a insatisfação dos parlamentares em relação às regras definidas por Dino para as emendas. A sessão da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado na qual seria lido o relatório da reforma tributária,



**“O presidente Lula se reuniu com os presidentes das casas [Pacheco e Lira]. Ele pactuou um encaminhamento que, do meu ponto de vista, atende aos anseios dos parlamentares. Quem está fazendo conta sabe que as medidas estão indo na direção correta”**

Ministro Fernando Haddad, da Fazenda

elaborado pelo senador Eduardo Braga (MDB-AM), foi suspensa por falta de quórum poucos minutos depois de aberta.

No encontro no Palácio, Pacheco e Lira pediram a Lula um “gesto de boa vontade” em relação às emendas para que as votações no Congresso dessemperem. A saída, a princípio, é o decreto, assinado conjuntamente pela Casa Civil e pela AGU, que faz uma interpretação da decisão de Dino com o cuidado de não descumprir a decisão do ministro. Da reunião participaram os ministros Rui Costa (Casa Civil) e Alexandre Padilha (Secretaria de Relações Institucionais), além dos líderes do governo no Congresso (senador Randolfe Rodrigues, PT-AP), no Senado (Jaques Wagner, PT-BA) e na Câmara (José Guimarães, PT-CE).

Segundo interlocutores de Lula e dos ministros, a AGU também divulgará um parecer, com orientações sobre a decisão de Dino, para os ministérios que têm emendas parlamentares. Representa que as pastas pagarão as emendas, principalmente as de comissão — consideradas obscuras, de destinação incerta e sem identificação do parlamentar que a propôs — conforme as regras estabelecidas pelo ministro. A medida teria sido bem recebida por Pacheco e Lira.

Ao chegar no Ministério da Fazenda, Fernando Haddad admitiu que Lula conseguiu encaminhar uma boa solução junto a Pacheco e a Lira para destravar as votações no Congresso. “O presidente Lula se reuniu com os presidentes das casas [Pacheco e Lira]. Ele

pactuou um encaminhamento que, do meu ponto de vista, atende aos anseios dos parlamentares. Quem está fazendo conta sabe que as medidas estão indo na direção correta”, salientou Haddad.

Os presidentes do Senado e da Câmara se comprometeram a levar as soluções encontradas pelo Palácio aos líderes de partido e de bancada no Congresso. E a se esforçarem no convencimento de que o governo está se empenhando para contornar a situação provocada pela decisão de Dino. Isso porque, entre os parlamentares — sobretudo os do Centrão —, pairava a desconfiança de que havia um jogo combinado entre o Palácio e o ministro do STF para dificultar a liberação de emendas.

Haddad disse, ontem, que a cada momento que as medidas do pacote fiscal são esclarecidas, há uma maior compreensão de que as propostas são “razoáveis”. Ele deu a declaração ao ser questionado sobre o risco de o próprio PT desidratar o pacote enviado pelo governo. “A cada momento que se esclarece os números, e o porquê das medidas, se compreende que nós estamos falando de coisas razoáveis. Colocar ordem em cadastro, adequar o perfil do beneficiário à intenção do legislador, isso são coisas muito razoáveis”, disse. (Com Agência Estado)

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



## Síria preocupa o Brasil por razões humanitárias

Depois que rebeldes derrubaram o ditador Bashar al-Assad e tomaram o controle do país, o governo federal decidiu retirar as equipes técnicas e diplomatas que estavam em Damasco, que se deslocaram para o Líbano, onde deverão embarcar para o Brasil num avião da Força Aérea Brasileira (FAB). Cerca de 3,5 mil brasileiros vivem na Síria e foram aconselhados a deixar o país.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva acompanha a situação com cautela, como as demais chancelarias do mundo. Estados Unidos, Turquia, Israel, Rússia e Irã estão envolvidos diretamente na crise síria. A ditadura al-Assad foi implantada logo após a Guerra dos Seis Dias, com apoio da antiga União Soviética, quando a Síria, Egito e Jordânia, entre outros países árabes, foram derrotados por Israel. Durante a guerra civil do Líbano, chegaram a ocupar grande parte do país.

Enquanto exporta açúcar, carnes, milho, café, produtos químicos e manufaturas leves para a Síria, o Brasil compra principalmente azeite de oliva, tecidos, artesanatos e frutas. É um comércio superavitário, porém, que soma apenas US\$ 69 milhões. Houve uma época, durante o regime militar, em que o Brasil foi um dos principais fornecedores de armas, inclusive blindados ligeiros, para a Síria e outros países árabes.

Temos uma comunidade de 5 milhões de sírios e libaneses, concentrada em São Paulo, no Paraná, em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, e plenamente integrada à vida nacional. Os sírios chegaram ao Brasil com o colapso do Império Otomano e, depois, por causa das guerras e conflitos no Levante.

Chamados de “turcos”, devido aos passaportes de origem, são famílias cristãs melquitas, maronitas e ortodoxos, além de muçulmanas e, também, must’arabis e sefarditas (judeus sírios). Influenciaram o pequeno comércio, a gastronomia e a nossa cultura, principalmente a literatura e o carnaval.

A guerra civil na Síria, a partir de 2011, trouxe para o Brasil novas gerações de refugiados. Embora esteja muito longe do Oriente Médio e não tenha projeção de poder na região, o Brasil é um dos países mais procurados pelos refugiados sírios, por causa dos seus laços familiares e por não sofrerem discriminações.

### Futuro incerto

O colapso do governo de Bashar al-Assad, resguardada as devidas proporções, pode resultar num novo Afeganistão, para a Rússia e os EUA. É mais uma dor de cabeça para a Turquia e Israel, que são protagonistas da volatilização do regime. Embora não seja um grande produtor de petróleo, como o Iraque e a Arábia Saudita, por exemplo, a Síria ocupa uma posição crucial no Oriente Médio, entre a Ásia, a África e a Europa.

Para a China, é um corredor estratégico da Rota da Seda, à qual o regime deposto havia aderido, e passagem de gasodutos que liguem o Golfo Pérsico à Europa, para o Ocidente. Todos os países vizinhos — Turquia ao norte, Iraque a leste, Jordânia ao sul, Líbano e Israel a oeste — temem a desestabilização da Síria e reforçaram suas fronteiras com tropas e armamentos.

A situação é tão confusa que o Conselho de Segurança da ONU realizou uma reunião fechada, solicitada pela Rússia, que tem em Tartus sua única base naval do Mediterrâneo, na faixa costeira Síria, além de uma base aérea em Khmeimim. Como o Irã, os russos são grandes perdedores com a queda de Bashar al-Assad, ao passo que EUA, Turquia e Israel, até agora, são os ganhadores.

Mosaico étnico-religioso (árabes sunitas, alauítas, curdos, cristãos, drusos, entre outros), o maior risco para o futuro da Síria é a consolidação de um regime fundamentalista jihadista, em substituição ao estado laico que havia, apesar da ditadura. Não à toa, Israel já está ocupando militarmente as Colinas de Golan e os EUA bombardeiam instalações militares e industriais que possam servir a esses grupos.

O poder está nas mãos das milícias do Hay’at Tahrir al-Sham (HTS), liderada por Abu Mohammad al-Golani, uma coalizão de grupos islâmicos formada em 2017, incluindo antigos membros da Frente al-Nusra, anteriormente afiliada à Al-Qaeda. O HTS partiu da província de Idlib e, em duas semanas, tomou Aleppo, Homs e, depois, Damasco.

Os demais grupos armados são o Exército Livre da Síria (ELS), fundado em 2011 por desertores das Forças Armadas sírias e apoiado pela Turquia. E as Forças Democráticas Sírias (FDS), liderada por curdos, apoiada pelos EUA, que controla áreas no norte e no leste da Síria.

Somaram-se aos rebeldes a Coalizão Nacional para as Forças Revolucionárias e de Oposição Sírias (CNFROS), que representa a oposição síria no cenário internacional, e o Conselho Nacional Sírio (CNS), uma coalizão de grupos de oposição que visa estabelecer um estado democrático na Síria, sem nenhum poder militar.

Ricardo Stuckert/PR



Pacheco e Lira cobraram de Lula um “gesto de boa vontade” do governo para que a reforma tributária e o pacote de gastos volte a andar

## ORIENTE MÉDIO

# Brasil esvazia a embaixada na Síria

» RENATO SOUZA

O Brasil evacuou, ontem, a embaixada que mantém na Síria. De acordo com uma fonte do Ministério das Relações Exteriores (MRE), o embaixador André Luiz Azevedo dos Santos e “um pequeno grupo” de funcionários administrativos brasileiros “estão neste momento no Líbano”. A representação diplomática foi esvaziada devido à insegurança por causa da derrubada do ditador Bashar al-Assad, que se refugiou na Rússia.

Por ora, a embaixada em Beirute se incumbirá dos negócios que mantêm com a Síria, onde vivem aproximadamente 3,5 mil brasileiros. “Eles permanecerão lá [na capital libanesa] até que as condições mínimas de segurança sejam restabelecidas”, salientou a fonte do MRE.

O governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva tomou a decisão de retirar os representantes brasileiros da Síria devido

a numerosos relatos de invasões e atos de vandalismo contra prédios públicos e embaixadas, de acordo com a fonte do MRE. As instalações da embaixada brasileira, porém, não foram alvo de ataques — mesma sorte não teve a da Itália, pois após a tomada de Damasco, no domingo, pelos rebeldes, a representação diplomática foi invadida por um “grupo armado” que roubou três carros, segundo o ministro das Relações Exteriores italiano. A de Cuba também foi saqueada.

Há brasileiros que vivem há décadas na Síria e já têm descendentes nascidos no país. Por enquanto, porém, não houve nenhuma manifestação de que esses cidadãos desejam voltar ao Brasil, mas não está afastada a hipótese de que possa se realizar uma operação de repatriação nos mesmos moldes daquelas que ocorreram para trazer brasileiros do Líbano e da Faixa de Gaza — atacados pelas

**3,5 mil**

é o número de brasileiros que vive na Síria. Mas, por ora, o Ministério das Relações Exteriores não recebeu nenhum pedido de repatriação

forças militares israelenses.

Nesse momento inicial, o MRE orientou que os brasileiros que pretendam deixar a Síria o façam por meios próprios. O aeroporto está sob o controle de rebeldes, mas continua aberta e operando. As estradas que levam ao Líbano estão abertas — muitos sírios que estavam exilados no país vizinho estão aproveitando para retornar ao país agora que a dinastia dos Assad foi derrubada.

### Sem bandeira

Na embaixada da Síria em Brasília, não havia, ontem, nem a bandeira oficial nem a bandeira com três estrelas vermelhas, símbolo da oposição síria, que tem sido vista em múltiplas celebrações pela derrubada de Assad dentro e fora do país.

A diplomacia brasileira acompanha “com preocupação” a escalada dos conflitos na Síria. E por meio de nota, informou que “apoia os esforços para solução política e negociada, que respeitem a soberania e a integridade territorial do país”.

“O Brasil reitera a necessidade de pleno respeito ao direito internacional, inclusive ao direito internacional humanitário, bem como à unidade territorial síria e às resoluções pertinentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas”, exorta o MRE. (Com a colaboração de Fabio Grecchi e AFP)

**TEMOS UMA COMUNIDADE DE 5 MILHÕES DE SÍRIO-LIBANESES PLENAMENTE INTEGRADA, CONCENTRADA EM SP, PR, MG E RJ**